



**MARINHA DO BRASIL**  
**DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA**

**Ação a Empreender nº 17 do “Calendário de Eventos e Ações a Empreender – CI-MB200”**

Palestra modelo sobre *A participação da Marinha do Brasil na Independência e a Importância do Poder Naval na História Pátria*, para ser utilizada em conjunto com a apresentação em slides de mesmo título durante as Comemorações dos 200 anos da Independência do Brasil e Aniversário da Esquadra.

- Público-Alvo: Estudantes dos Ensinos Médio e Superior, servidores civis e militares nas esferas de governo federal, estadual e municipal.
- Duração: 30 minutos (em torno de 2 minutos para cada slide)

**MARINHA DO BRASIL – 200 ANOS DA CAMPANHA DA INDEPENDÊNCIA SLIDE 1**

Preponderante no contexto do processo de consolidação de nossa Independência, especialmente para a manutenção da integridade territorial do Brasil, ainda nos tempos coloniais o Poder Naval figurou como elemento de significativa importância em um período de constantes ameaças aos interesses ultramarinos de Portugal em seu maior e mais importante território colonial, onde as lutas contra invasões e pela expansão dos limites territoriais marcaram os séculos de domínio português.

**SLIDE 2**

**A Independência do Brasil e a Marinha como garantidora da emancipação:**

Com o aprofundamento da crise entre o então Reino do Brasil e Portugal, o único caminho viável para alcançar a Independência em todo o território era o mar. Essa era a percepção de José Bonifácio de Andrada e Silva, Ministro da Secretaria de Estado do Interior e dos Negócios Estrangeiros do governo do Príncipe Regente D. Pedro de Alcântara.

A rápida organização da Marinha Imperial, dotada de navios de guerra bem armados, poderia impedir a chegada de reforços portugueses ao Brasil e dar combate às tropas portuguesas no litoral, além de transportar soldados e suprimentos para apoiar a luta pela Independência em terra.

#### SLIDE 3

A relevância atribuída por José Bonifácio à formação de uma Esquadra – um conjunto de navios de guerra sob comando unificado – se mostrou bastante acertada na medida em que os principais núcleos populacionais do Brasil estavam no litoral, isolados da capital do novo Império pela absoluta precariedade de uma rede de estradas e caminhos. Assim, a organização de uma Marinha se apresentava como necessidade premente para assegurar a consolidação da Independência e a manutenção da unidade territorial do Brasil.

#### SLIDE 4

##### **Preparo de material e pessoal:**

Uma das primeiras ações tomadas para o estabelecimento da Marinha Imperial foi a imediata incorporação dos navios portugueses deixados nos portos nacionais, entre os quais estavam as Fragatas *União* (rebatizada, posteriormente, como *Piranga*) e *Real Carolina* (rebatizada, *Paraguaçu*) e as Corvetas *Maria da Glória* e *Liberal*, navios da Armada Real portuguesa que permaneceram no Brasil, sob o controle de Dom Pedro. Logo em outubro de 1822, foi nomeado o primeiro brasileiro nato para a cadeira de Ministro da Marinha do Brasil Independente, o então Capitão de Mar e Guerra Luís da Cunha Moreira, Visconde de Cabo Frio.

#### SLIDE 5

Dado o mau estado de conservação de muitos desse navios, foi fundamental o trabalho do Arsenal de Marinha da Corte (atual Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro), onde foi recuperada a Nau *Martin de Freitas*, rebatizada *Pedro I* e tornada o navio capitânia da nova Esquadra. A Fragata *Sucesso* e o Brigue *Reino Unido* também foram reparados e rebatizados, respectivamente, *Niterói* e *Cacique*. E o governo adquiriu ainda alguns navios, como os Brigues *Maipu* e *Nightingale*, rebatizados *Caboclo* e *Guarani*, nesta ordem.

#### SLIDE 6

Com poucos brasileiros natos nos corpos de oficiais e praças, a solução foi a contratação de europeus, especialmente britânicos, haja vista a desmobilização das forças militares europeias com

o fim das Guerras Napoleônicas. O General Francisco Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira Horta foi então incumbido de organizar o recrutamento de marinheiros na Europa.

Em março de 1823, Thomas Cochrane, oficial de Marinha britânico que acabara de deixar o comando da Marinha do Chile, também engajada numa guerra de emancipação, assumiu o comando em chefe da Esquadra brasileira.

#### **SLIDE 7**

#### **A Esquadra na expulsão dos portugueses da Bahia:**

Com o início das ações militares para a consolidação da Independência, as atenções se voltaram para as regiões onde os portugueses haviam melhor reforçado suas guarnições. A resistência mais forte estava em Salvador, na Bahia, onde existia grande concentração de tropas sob o comando do Brigadeiro Inácio Luís de Madeira de Melo e uma poderosa Força Naval comandada pelo Chefe de Divisão João Félix Pereira de Campos.

#### **SLIDE 8**

Apesar disso, as forças brasileiras, sob o comando do General Pierre Labatut, conseguiram cercar a cidade, enquanto o Patrão-Mor, Segundo-Tenente João Francisco de Oliveira Botas, estabelecido na Ilha de Itaparica, comandava uma flotilha que fustigava as embarcações que abasteciam Salvador, contribuindo para o isolamento daquela capital.

#### **SLIDE 9**

A 1º de abril de 1823, a Esquadra brasileira, já sob o comando do Primeiro Almirante Thomas Cochrane, embarcado na Nau *Pedro I*, deixava a Baía de Guanabara com o objetivo de estabelecer o bloqueio naval de Salvador.

O primeiro combate aos navios portugueses, em 4 de maio, apesar de um início promissor, graças a uma ousada manobra de Cochrane, foi desfavorável aos brasileiros, que foram obrigados a recuar. Contudo, no dia 13 de maio, após a chegada de reforços de marinheiros estrangeiros, o bloqueio foi retomado.

Pressionados pelo desabastecimento, em 2 de julho as tropas de Madeira de Melo abandonaram Salvador em um comboio de, aproximadamente, 70 embarcações escoltadas pelos navios de Félix de Campos.

#### **SLIDE 10**

A Esquadra foi então incumbida de perseguir o comboio português para capturar o maior número de navios, tropas e equipamentos militares, além de impedir que desembarcassem em outras localidades do território brasileiro.

A Esquadra acompanhou por alguns dias os navios portugueses. Porém, logo Cochrane incumbiu o Capitão de Fragata John Taylor, ao comando da Fragata *Niterói*, de seguir com a perseguição, o que cumpriu até as proximidades da foz do Rio Tejo, quando foi informado sobre a chegada dos navios remanescentes da Força Naval de Félix de Campos a Lisboa. Nessa missão, a Fragata *Niterói* foi responsável pela captura de cerca de dois mil soldados e mais de uma dezena de navios.

**SLIDE 11**

### **O jovem “Tamandaré” nas lutas pela Independência:**

Nascido em 13 de dezembro de 1807, em Rio Grande (RS), aos 15 anos de idade Joaquim Marques Lisboa iniciou sua trajetória na Marinha do Brasil ao apresentar-se como voluntário, em 1823, durante as lutas pela Independência.

Ainda muito jovem, a bordo da Fragata *Niterói*, sob o comando do Capitão de Fragata John Taylor, o futuro Marquês de Tamandaré participou dos combates na costa da Bahia e do bloqueio a Salvador, contra as forças de mar portuguesas comandadas pelo Chefe de Divisão Félix de Campos.

**SLIDE 12**

Ainda nesse cenário, tomou parte também da histórica perseguição empreendida pela Fragata *Niterói* ao comboio português que seguiu para Portugal após abandonar Salvador.

Em 1824, Joaquim Marques Lisboa foi matriculado na Academia Imperial de Marinha. Já experimentado em combate, foi convocado pelo Comandante em Chefe da Esquadra brasileira, o Primeiro Almirante Thomas Cochrane, para participar da campanha contra a Confederação do Equador.

Mesmo não tendo concluído o curso de formação profissional daquela Academia, certamente a experiência em combate acumulada na Guerra de Independência e nas posteriores campanhas da Confederação do Equador e da Cisplatina contribuiu sobremaneira para a formação pessoal e militar-naval daquele que seria o maior marinheiro do Brasil, Patrono de nossa Marinha.

**SLIDE 13**

### **A Marinha do Brasil na adesão das províncias do Norte e Cisplatina:**

Após submeter Salvador, o governo brasileiro direcionou suas forças para outras províncias do Norte e a Cisplatina. No Maranhão, onde uma Junta Governativa se mantinha leal a Portugal e a cidade de São Luís estava sitiada por tropas favoráveis à Independência, Cochrane, utilizando-se de um hábil ardil, informou ao comandante das tropas portuguesas que a Nau *Pedro I* estava estabelecendo um bloqueio à cidade e que seria a ponta de lança de uma grande Força Naval que

viria próxima, transportando um grande contingente militar. Uma inteligente manobra para levar à deposição da Junta Governativa e submeter o Maranhão, o que, de fato, ocorreu em 27 de julho de 1823.

#### **SLIDE 14**

Por ordem de Cochrane, a mesma estratégia foi adotada no Pará, para onde foi enviado o Capitão-Tenente John Pascoe Grenfell, ao comando do Brigue *Maranhão*, com cartas do Primeiro Almirante comunicando à Junta Governativa a adesão do Maranhão à Independência e o bloqueio naval a Belém. Em 15 de agosto de 1823, a Província do Pará também declarava sua adesão ao Império.

#### **SLIDE 15**

Na Província Cisplatina, último reduto da resistência portuguesa, com a cidade de Montevideú cercada por tropas leais ao Imperador, ainda em março de 1823 as Forças Navais brasileiras, sob o comando do Capitão de Mar e Guerra Pedro Antônio Nunes, já bloqueavam a cidade.

Após a tentativa fracassada da Força Naval portuguesa em romper o bloqueio naval brasileiro, o desabastecimento provocado pelo cerco resultou na rendição do efetivo português, em 18 de novembro de 1823, e a conseqüente evacuação de todo contingente português do território brasileiro.

#### **SLIDE 16**

### **A Marinha do Brasil no pós-Independência:**

Desde as Guerras de Independência até a atualidade, a Marinha do Brasil tem figurado como instituição essencial para o país. Atuando de modo decisivo em alguns dos principais episódios de nossa história, com destaque para a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

#### **SLIDE 17**

A Marinha do Brasil na Guerra da Tríplice Aliança: a Batalha Naval do Riachuelo.

No contexto da Guerra da Tríplice Aliança, quando Brasil, Argentina e Uruguai aliaram-se para enfrentar as forças paraguaias de Francisco Solano López, a Esquadra brasileira figurou como elemento fundamental para o triunfo aliado. Nesse quadro, a vitória da força naval brasileira, sob o comando do Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso da Silva, na Batalha Naval do Riachuelo, travada no Rio Paraná, foi decisiva. Além de, praticamente, aniquilar a Marinha paraguaia, o

controle daquele rio, conquistado após a vitória, comprometeu seriamente o abastecimento e a logística das tropas de Solano López.

#### **SLIDE 18**

A coragem de Barroso, ao lançar a Fragata *Amazonas*, sua capitânia, contra os navios paraguaios para colocá-los a pique, e sua arrojada convocação às tripulações brasileiras a combater o mais próximo possível dos inimigos, a fim de anular a vantagem dos canhões paraguaios postados nas margens, levaram à vitória brasileira. Assim como os incontáveis atos de bravura e heroísmo observados naquele combate, como o sacrifício do Imperial Marinheiro Marcílio Dias, mortalmente ferido em combate contra quatro oponentes no convés da Corveta *Parnaíba*.

#### **SLIDE 19**

A Marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial: a Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG).

Adotando um posicionamento de neutralidade no quadro de beligerância que se estabeleceu no continente europeu a partir de 1914, somente em outubro de 1917 o Brasil passou ao estado de guerra contra o Império Alemão, após o afundamento de 4 navios mercantes brasileiros por submarinos alemães.

#### **SLIDE 20**

Coube à Marinha do Brasil o preparo e envio de uma Divisão Naval para atuar junto às Marinhas aliadas que combatiam nas costas da África e no Mediterrâneo. Sob o comando do Contra-Almirante Pedro Max Fernando de Frontin, em 1º de agosto de 1918 a DNOG deixou as águas de Fernando de Noronha rumo a Freetown, em Serra Leoa. Mesmo duramente atingida pela gripe espanhola durante a passagem pelos portos africanos de Freetown e Dakar, que vitimou cerca de 10% das tripulações, cumpriu seu papel, apoiando as forças de mar aliadas até o armistício, em novembro de 1918.

#### **SLIDE 21**

A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

No contexto das hostilidades que se estabeleceram entre as potências europeias a partir de 1939, o Brasil manteve uma postura de neutralidade até agosto de 1942, quando, diante dos

diversos torpedeamentos de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, inclusive em águas nacionais, o Brasil declarou guerra à Alemanha e a Itália. Nesse quadro, além de escoltar os navios que transportaram a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para o front europeu, a missão da Marinha do Brasil foi patrulhar o Atlântico Sul e proteger os comboios de navios mercantes que trafegavam entre o Mar do Caribe e o litoral sul brasileiro contra a ação dos submarinos e navios germânicos e italianos.

#### **SLIDE 22**

Para adequar-se à situação do conflito, foi então necessário um rápido e intenso processo de preparo de material e pessoal e, em especial, de reorganização das Forças Navais. Foi nesse quadro que se deu a criação da Força Naval do Nordeste, em outubro de 1942, cujos navios constituíram a Força-Tarefa 46 da 4ª Esquadra da Marinha dos Estados Unidos da América. Durante todo o conflito os navios da Marinha do Brasil comboiaram 3.164 navios, entre nacionais e estrangeiros, em um total de 575 comboios.

#### **SLIDE 23**

##### **Considerações finais:**

Preponderante para a manutenção da integridade territorial e para a própria consolidação do processo de Independência do Brasil, o Poder Naval foi elemento de significativa importância em um período marcado por constantes ameaças aos interesses brasileiros.

Em condições de atuar com mobilidade e flexibilidade em um curto espaço de tempo, a nascente Esquadra brasileira cumpriu sua missão de consolidar a Independência, promulgada em 7 de setembro de 1822, mantendo a soberania brasileira sobre todo o território.

#### **SLIDE 24**

A Marinha, por meio de sua Esquadra, foi, e continua sendo, capaz de negar o uso do mar às Forças Navais inimigas e proteger as linhas de comunicação marítimas que interligam os diferentes pontos do nosso extenso litoral com o exterior, permitindo o trânsito seguro dos navios mercantes responsáveis pela maior parcela do comércio internacional brasileiro.

#### **SLIDE 25**

Atualmente, a Marinha do Brasil se mantém fiel à memória da Esquadra da Independência, assegurando a soberania sobre a nossa “Amazônia Azul” e figurando como elemento essencial para a Defesa Nacional.

Contribuindo também para o desenvolvimento do país por meio da produção de conhecimento científico e de tecnologias nacionais, além de atuar em diversas ações de caráter cívico e humanitário.

#### SLIDE 26

Desde o alvorecer de nossa jovem nação independente até os dias atuais, a invicta Marinha de Tamandaré e Marcílio Dias segue defendendo os interesses do Brasil e dos brasileiros.

#### SLIDE 27

Obrigado!

#### Referências Bibliográficas

ABREU, Guilherme Mattos de (Org.). *Marinha do Brasil: Uma Síntese Histórica*. Rio de Janeiro: SDM, 2018.

ALONSO, Wladimir, SCHUCK-PAIM, Cynthia, SHANKS, G. Dennis e ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918. *Revista Navigator*, Vol.9, nº17, 2013, pp. 11-21.

CASTRO, Robert Wagner Porto da Silva e FERREIRA, Moisés Mendes. *Vultos, Patronos e Ex-Ministros da Marinha do Brasil nascidos nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul*. Itajaí: Univali, 2019.

LEITE, Jorge da Silva. Aspectos da participação da Marinha de Guerra Brasileira na Primeira Grande Guerra. *Revista Marítima Brasileira*, jul./dez., 1987, pp. 9-40.

MAIA, João do Prado. *DNOG, uma página esquecida da história da marinha brasileira*. Rio de Janeiro: SDGM, 1961.

SALDANHA DA GAMA, Arthur Oscar e MARTINS, Hélio Leôncio. A Marinha na Segunda Guerra Mundial. In: BRASIL; Ministério da Marinha. *História Naval Brasileira*. 5º Volume, Tomo II. Rio de Janeiro: SDGM, 1985.

VALE, Brian. A ação da Marinha nas Guerras da Independência. In: BRASIL; Marinha do Brasil. *História Naval Brasileira*. 3º Volume, Tomo I. Rio de Janeiro: SDM, 2002.

VÉRAS, Francisco Accióli. *DNOG*. Rio de Janeiro: A Noite, 1920.